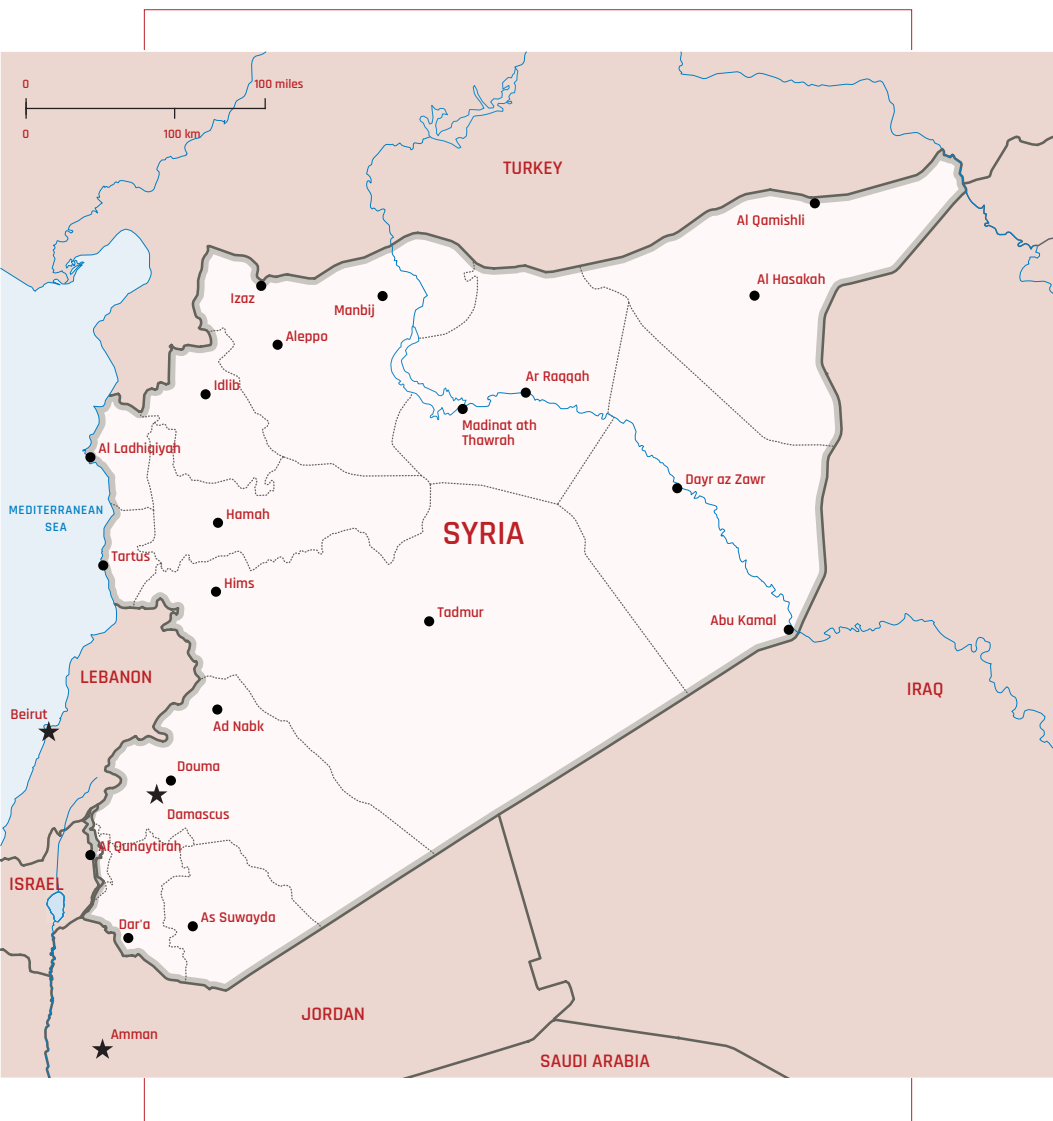




A GUERRA SANGRENTO E IMPLACÁVEL DA SÍRIA



Dossiê #3 do Tricontinental
Abril de 2018



A Síria entra em seu oitavo ano de uma guerra sangrenta e implacável. O número de mortos é catastrófico. Depois de atingir o número de 200.000, a Organização das Nações Unidas (ONU) parou de contar. Estima-se que, de uma população de 23 milhões, quase meio milhão foram mortos. A contagem oficial dos mortos não é confiável. Os números não indicam precisamente quantos dos mortos eram combatentes e quantos eram civis. Não dizem quantos foram mortos pelo governo e seus aliados e quantos foram mortos pelos vários grupos rebeldes.

Metade da população da Síria está refugiada, a maioria deles dentro do país. Turquia, Líbano e Jordânia acolhem a maioria dos sírios que fugiram de lá. Cidades – como Aleppo e Homs – foram devastadas pela violência. A fome persegue a todos. O mesmo acontece com o analfabetismo e a doença. Isto é ainda mais trágico porque a Síria – apesar de todos os seus problemas – tinha uma população que não padecia com a lista de problemas enfrentados por muitos estados anteriormente colonizados. A descida ao inferno foi rápida.



Um espelho de interesses rivais

As negociações de paz em Genebra (Suíça) e em Astana (Cazaquistão) parecem nunca avançar. Os sírios quase nunca participam dessas discussões. Países poderosos tentam determinar o futuro da Síria, mas sem sucesso. Suas divergências são profundas e a influência sobre os grupos combatentes na Síria mais fraca do que imaginavam. Não se trata de uma guerra sem razões. É uma guerra que visa controlar a Ásia Ocidental, uma guerra que reforça a definição feita em 1965 pelo jornalista Patrick Seale sobre a Síria – “o espelho dos interesses rivais”. O próprio bem-estar da Síria foi sacrificado por um jogo de poder local. Esta é a causa da guerra. Não é sobre nada, mas sobre poder regional. Nenhum dos que querem dominar a região estão dispostos a colocar o bem-estar do povo sírio em primeiro plano. Muita coisa está em jogo. Os sírios são sacrificados por várias agendas globais e regionais.

Exércitos de todos os tipos andam livremente pelo país. Hoje está claro que o governo sírio – apoiado pelo Irã, pela Rússia e pelo movimento político libanês Hezbollah – está no controle da maior parte do país. O que parecia ser inevitável – que o governo de Bashar al-Assad cairia – parece cada vez mais impossível. A intervenção das forças russas na Síria, em setembro de 2015, fez com que o bombardeio ocidental a Damasco ficasse fora de questão.



Um período de derramamento de sangue

Muito tempo passou desde as manifestações de março de 2011 que foram reprimidas pelo governo sírio. A antiga dinâmica da Primavera de Damasco de 2005 foi rapidamente eliminada. Era improvável que a oposição síria conseguisse depor o governo. A intervenção externa do Ocidente, dos países do Golfo Árabe e da Turquia e os meses de insurreição transformaram a luta política interna em uma guerra regional por procuração. Não foi uma surpresa que em um ano de conflito as forças políticas extremas – incluindo aquelas inspiradas na al-Qaeda – tivessem aumentado, dominando as forças de oposição militar. A democracia estava fora de cena. Seria um período prolongado de derramamento de sangue.

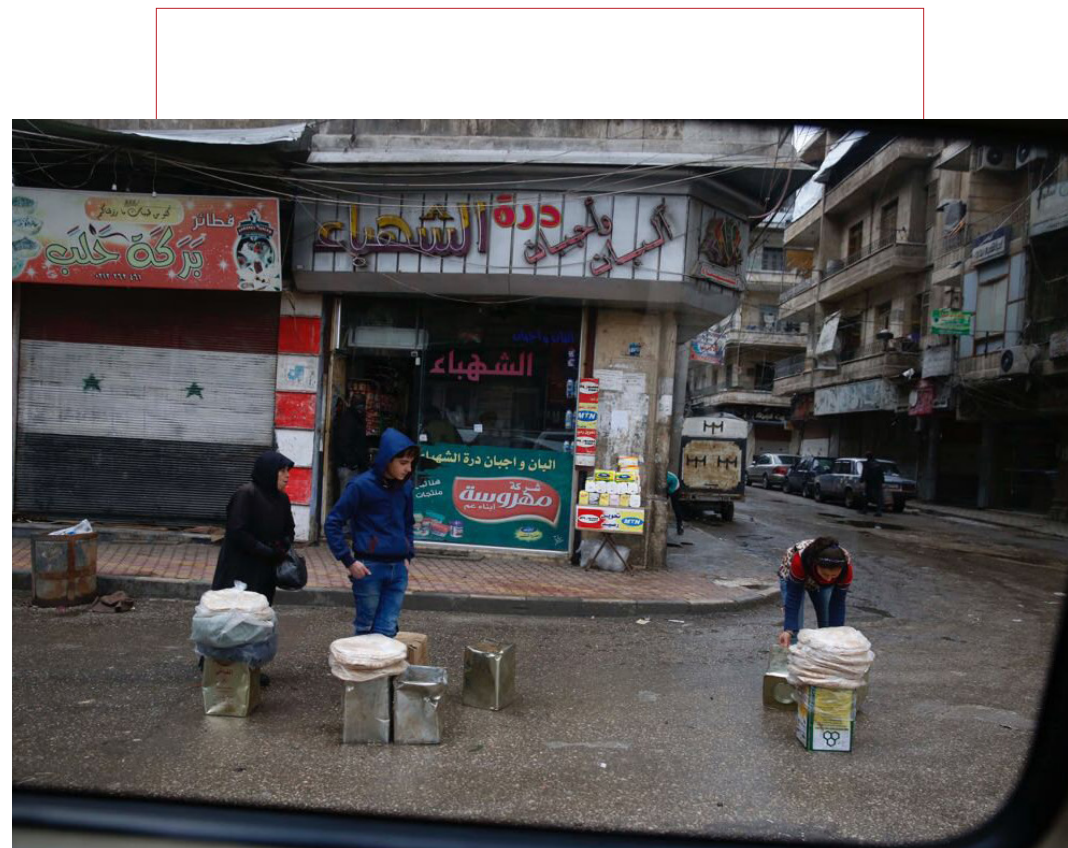
Depois da intervenção russa, um apoiador após o outro das forças políticas extremas passaram a encontrar resistência. Pouco depois dessa guerra, os remanescentes da al-Qaeda no Iraque – o Estado Islâmico do Iraque – entraram na Síria e expandiram suas ambições para se tornar o Estado Islâmico do Iraque e o al-Sham (ISIS). Os combatentes desse grupo sectário e extremista atravessaram o norte da Síria. Ameaçando varrer a Ásia Ocidental, rompendo fronteiras e ocupando territórios rapidamente. O surgimento do ISIS permitiu que o Ocidente voltasse as atenções para a guerra contra o ISIS, possibilitando que o governo sírio demarcasse os rebeldes como terroristas.

O jornalista turco Vecih Cüzdan falou ao Tricontinental que a entrada da Rússia no conflito em setembro de 2015 trouxe o “força que alterou o curso da guerra”. Deveria ser evidente para o Ocidente, a Turquia e os países do Golfo Árabe o significado da guerra e a necessidade em aconselhar seus grupos mandatários para pedir um acordo de paz. Mas foi o que não fizeram. A continuação da guerra, sem a possível vitória dos rebeldes, só contribuiu para o número de mortos e mais destruição deste grande país.

Enquanto isso, potências regionais começaram a fatiar a Síria. Os israelenses formaram um exército aliado para construir uma zona de segurança em torno das Colinas de Golã, ocupadas ilegalmente. No norte, o núcleo sírio do povo curdo – uma nacionalidade que se espalha pela Turquia, Iraque e Irã – formou um grupo chamado Rojava ou o oeste do Curdistão. A Turquia, que se opôs a qualquer criação de um estado curdo, interveio para impedir que os curdos sírios formassem seu próprio estado. O movimento político libanês Hezbollah construiu um muro protetor ao longo da fronteira sírio-libanesa. O Irã ajudou a Síria a abrir a estrada que liga o Irã ao Iraque e da Síria a Beirute. Esta será uma via fundamental para reabastecer o Hezbollah. Os Estados Unidos estabeleceram uma presença no leste e nordeste, partes ricas em petróleo, com bases militares que começam a assumir um ar de permanência.

O que fazer com esse conflito? Os detalhes são desconcertantes. É difícil concordar com as origens do conflito. Difícil até mesmo determinar as palavras a serem usadas para classificar

os rebeldes e os mortos. É difícil entender a aparente imensidão da guerra, o derramamento de sangue que se tornou comum.





Fim do jogo?

O governo sírio tomou as cidades e vilas ao longo do flanco ocidental, de Dara'a a Aleppo. Uma pequena brecha permanece em aberto em Idlib, onde os vários extremistas e outros rebeldes estão concentrados. É nesta cidade de Idlib que o governo vê a batalha final para o controle da Síria. Agora, o governo turco que havia apoiado os rebeldes no início, lava suas mãos. A Turquia definiu que é muito mais importante reprimir o sonho dos curdos de criar uma autonomia ao longo da fronteira do que derrubar Assad. Isso significa que os rebeldes não têm mais acesso livre pela fronteira turca nem têm acesso ao dinheiro e apoio do Golfo Árabe. Seus apoiadores políticos – seja a Irmandade Muçulmana Síria (com base em Istambul) ou a família real saudita – deixaram o campo. Os rebeldes se recusarão a se render e o governo não encontrará nenhum meio para um acordo político com eles. A batalha de Idlib será tão mortal quanto o resto desta guerra brutal.

Circulam boatos de que as potências ocidentais, a Arábia Saudita e Israel estão ansiosas por um ataque militar contra Damasco para enfraquecer a posição de barganha do governo de Assad. Entende-se que uma vitória do governo de Assad seria uma vitória para o Irã, para a Rússia e para o Hezbollah. O Ocidente – principalmente os Estados Unidos – bem como a Arábia Saudita e Israel não permitirão tal vitória. Israel considera inaceitável que a Síria esteja agora mais próxima do

Irã e que o Hezbollah possa agora ser rearmado pelas estradas que ligam o Iraque e a Síria. Isso também é inaceitável para a Arábia Saudita e para o Ocidente. Eles gostariam de ver a derrota do Irã na região. Mas seus cálculos não foram bem feitos.

Uma vitória para Assad, em outras palavras, seria vista como uma derrota para o Ocidente, para os sauditas e para Israel. Se este realmente é o caso, não importa que a Síria esteja profundamente enfraquecida no aspecto humano e físico desta guerra. Se as armas químicas foram usadas nesta guerra é também marginal, uma vez que as acusações de seu uso foram consideradas justificativas suficientes para o bombardeio ocidental dos recursos militares do governo sírio (como no ataque com mísseis de 2017 na base de Shayrat). A presença de tropas russas, no entanto, conseguiu segurar um ataque em grande escala ao governo de Assad. Esta é a primeira vez que os russos intervêm desde a queda da URSS impedindo uma intervenção militar ocidental.

O Ocidente encontra dificuldades já há algum tempo em estabelecer aliados no território para a guerra com objetivo de mudar o regime na Síria. O fato de muitos dos grupos rebeldes parecerem alinhados à Al-Qaeda torna impossível apoiá-los abertamente. O Exército Livre da Síria – um grupo de desertores – não estão em posição de confrontar o exército sírio sozinho. Quando o ISIS surgiu como uma ameaça no norte da Síria, os EUA voltaram para os curdos sírios em busca de apoio. Uma combinação de poder aéreo dos EUA e coragem

curda síria derrotou o Estado Islâmico. Mas então, quando os ganhos dos curdos sírios perturbaram os turcos, os Estados Unidos não fizeram nada para impedir uma intervenção turca. Isso diz muito sobre a complexidade do campo de batalha que os curdos sírios foram sacrificados. Também diz muito sobre os Estados Unidos que traiu facilmente seus aliados.

Começar uma guerra é fácil. Difícil é pará-la.

Para entender a guerra, o Tricontinental conversou com o economista sírio Omar Dahi. Dahi, que esteve envolvido de perto com o projeto da Síria na Comissão Econômica e Social das Nações Unidas da Ásia Ocidental, é um observador atento do conflito em sua terra natal. As fotografias no dossiê são de Damasco e Aleppo. Elas foram tiradas por um fotógrafo que deseja permanecer anônimo.





Tricontinental: *Qual é a situação atual da guerra?*

Dahi: A intervenção russa na Síria, em setembro de 2015, marcou o fim não apenas da ideia de derrubada militar do governo sírio, mas também do uso da pressão militar para forçar o governo a sentar-se a mesa de negociação. A oposição também contava com a decisão de Obama de não atacar o regime após os ataques de Ghouta de agosto de 2013. Daquele momento em diante, a Rússia rompeu um conflito letal que estava drenando lentamente as forças do governo e de seus aliados, uma vez que foram divididos em três frentes (norte, leste e sul), sobrecarregando-os. A Rússia continuou ajudando o governo a conquistar uma série de vitórias militares contra as forças antigovernamentais em todo o país, a mais importante foi a retomada de Aleppo Oriental. Os civis sírios pagaram um custo insuportavelmente alto. Infraestrutura crítica, como instalações médicas, foram alvo repetidamente.

Na mesma linha, havia um dilema no processo político. Houve um impasse no processo de Genebra organizado pela ONU, em grande parte devido à falta de clareza sobre a guerra. Além disso, as partes necessárias para negociar um acordo, particularmente aqueles que representavam combatentes no território, não estavam presentes. Por fim, a Rússia promoveu o Processo de Astana, que incluiria não apenas países como o Irã – excluídos de Genebra – mas também combatentes da oposição e milícias contrárias ao governo que foram trazidos à mesa de negociação pela Turquia. A presença dos EUA foi mínima. Infelizmente, para aproximar a Turquia do acordo, o

processo de Astana excluiu partidos independentes curdos ou liderados pelos curdos, como o Partido da União Democrática (PYD) e as Forças Democráticas da Síria.

O Processo de Astana conseguiu provocar o cessar-fogo em diferentes partes do país e levou às chamadas “zonas de distensão” em Idlib, Homs, Ghouta e ao longo da fronteira jordaniana. Estas “zonas de distensão” foram criadas como locais onde o cessar-fogo seria aplicado. Aquelas zonas eram os lugares restantes que tinham a presença significativa de forças antigovernamentais. Durante todo esse processo, grupos como da al-Qaeda, outros inspirados, no ISIS e o Jabhat al-Nusra (ou o Hayat Tahrir al-Sham, como ele próprio se rebatizou) foram excluídos.

Enquanto a Rússia foi bem sucedida no campo militar, politicamente foi bem menos sucedida. O melhor cenário para o governo e seus aliados seria chegar com o acordo de paz de Genebra com alguma vantagem, para então negociar um acordo político com a vantagem conquistada. Isso exigiria que o governo oferecesse à oposição política compromissos significativos e sérios. Poderia ter iniciado uma nova etapa na Síria. No rescaldo da batalha de Aleppo em 2016, perderam uma boa oportunidade. O desejo do governo sírio em forçar uma vitória completa foi um dos grandes responsáveis por essa perda. AO que tudo indica, a Rússia tinha em vista esse curso de ação, forçar um acordo de paz entre os grupos. Mas isso não ocorreu. Cada negociação subsequente parecia mais ridícula, incluindo o “Diálogo Nacional Sírio” de Sochi, em janeiro de 2018.

Esta foi a história do conflito. Sempre que um lado está em ascensão, ele busca uma vitória completa em vez de um compromisso. Jogando a batalha geopolítica e negociando com potências externas que não pode substituir um compromisso histórico com a própria população. Mais cedo ou mais tarde, o governo ficará sem acordos para fazer com as forças externas, quando eles deveriam estar construindo o acordo com sua própria população.

Estamos vendo agora o fim das “zonas de distensão” com ataques em Ghouta e Idlib nos últimos meses. As violações foram de todos os lados. Isso coincidiu mais ou menos com o fracasso da solução política arquitetada pela Rússia. Por que isso está acontecendo?

Embora os inimigos regionais da Síria não alcançassem seus objetivos, não estão com pressa em dar ao governo uma vitória completa.

A principal preocupação, é claro, diz respeito a maneira como os Estados Unidos se posicionam e se entrincheiram na Síria. Utilizou o ISIS como pretexto para consolidar o seu controle no território, principalmente nas áreas ricas em petróleo. Os EUA não têm uma agenda definida para a Síria, mas vem construindo sua presença no longo prazo através das bases militares. Ele usa o que sobrou do ISIS como desculpa para forçar contra o Irã e o Hezbollah, além de pressionar Damasco. A construção de longo prazo é uma política liderada pelos militares dos EUA que não está vinculada a uma administração

específica: iniciou tardiamente no governo Obama e continua sob o governo do presidente Trump.

A consolidação da presença militar dos EUA na Síria fez com que o governo sírio consolidasse seu controle sobre outras áreas da Síria, incluindo aquelas anteriormente conhecidas como de distensão. O poder aéreo dos EUA deu aos curdos a capacidade de ampliar seu território, o que levou os curdos sírios a um confronto com a Turquia. Quanto mais os EUA pressionam por território e poder na Síria, mais caos cresce.

O povo sírio está cansado. As forças regionais deveriam lutar suas batalhas em outro lugar. Ao longo dos últimos anos, o quadro do conflito (por todos os lados) numa visão estreita, mostra como se toda ação fosse pró-Assad ou anti-Assad, essa visão tem servido para desviar a atenção do estado sírio, suas instituições, seu ambiente e sua capacidade de sustentar uma população que está sendo destruída.

Tricontinental: *Você acha que existe alguma esperança de reconciliação entre os grupos? Se sim, quais são os grupos que deveriam estar na mesa para uma reconciliação?*

Dahi: Reconciliação é um processo de longo prazo. Se o que você quis dizer é um acordo político, até mesmo a possibilidade disso parece improvável hoje. Um acordo político deve ser liderado pela Síria e oferecer uma negociação real e histórica entre o governo e os principais setores da oposição política e militar, incluindo a oposição agora ‘refugiada’ ou ‘externa’.

Naturalmente, este processo também deve incluir partidos políticos curdos sírios ou liderados por curdos. No entanto, cada ataque, bala, bomba ou morteiro lançado contra outro sírio é mais um passo em direção à destruição da Síria.

Dentro da Síria existe hoje, e desde 2011, um amplo espectro de opiniões. Existem aqueles legalistas que se opõem ao bombardeio selvagem de Ghouta e à humilhação de sua população. Do outro lado, há aqueles na oposição que criticam os crimes cometidos em nome da revolução. Eles sabem muito bem porque muitos grupos de oposição perderam a credibilidade, pois aceitaram prontamente a influência e a agenda das forças externas. Muitas dessas mesmas pessoas também perderam seus entes queridos durante o conflito. A maioria não sente representada por nenhum grupo. No entanto, eles estão com muito medo ou se resignam para se pronunciar. Não são entrevistados na televisão. Não postam nas redes sociais. São essas vozes que podem conduzir um processo de reconciliação e acabar com o terrível legado da guerra um dia. Por enquanto, eles estão em silêncio, ou melhor, foram *silenciados*.

Para os que estão fora e que desejam ver e se envolver com a Síria de uma maneira positiva que foque nos sírios, todos os sírios, há um ponto importante a ser feito aqui. *Acabe com o discurso retórico*. O debate sobre a Síria parece espelhar a batalha militar que ocorre ali, uma espécie de guerra por procuração onde alguns ativistas, jornalistas e acadêmicos se veem como soldados de infantaria dos diferentes grupos combatentes. Precisamos de um tipo diferente e mais generoso

de engajamento crítico que não reproduza a guerra em si.

Tricontinental: *O que aconteceu com os grupos da Irmandade Muçulmana agora que o Catar e a Arábia Saudita, assim como a Turquia, parecem não ter mais interesse pela guerra na Síria?*

Dahi: Um ramo sírio da Irmandade Muçulmana foi patrocinada pela Turquia e pelo Catar em 2011. Estavam instalados, grande parte, em Istambul (Turquia). A Irmandade não é apenas uma organização política. Para se mostrar relevante na guerra da Síria, ela patrocinou vários equipamentos militares, incluindo os chamados Escudos da Revolução ao redor de Idlib. Não foram decisivos no território e a maioria dos seus membros desertou para grupos mais radicais.

Quando o golpe contra o grupo egípcio da Irmandade Muçulmana ocorreu em 2013, a Irmandade viu sua fortuna declinar em toda a região. A Arábia Saudita, em sua luta contra o Catar, tentou anular a Irmandade Muçulmana e impulsionar seus próprios mandatários para frente. A intervenção russa trouxe complicação para a Turquia. A intervenção fez com que o Egito aumentasse os negócios com a Rússia e o Irã, aliados do governo sírio. Isso significou que a oposição síria – assim como a Irmandade Muçulmana síria – teve sua influência diminuída.

A Irmandade Muçulmana ainda está lá, mas mais enfraquecida e marginalizada ou reagrupada em outros grupos políticos. Este longo processo também trouxe divisões dentro da própria Irmandade Muçulmana de aspectos geracionais e ideológicos,

com a seção mais jovem tendendo a ser cética quanto as decisões mais pesadas tomadas e o pragmatismo da geração mais velha. A Irmandade Muçulmana enfrentou um desafio. Deveria enfatizar seus aspectos islâmicos ou liberais? A quem atrairia, à medida que a configuração da oposição dentro da Síria começava a se tornar mais extremista?

A Irmandade Muçulmana Síria permanece, mas está muito enfraquecida.

Tricontinental: *O governo de Assad terá condições de levantar os recursos para a reconstrução?*

Dahi: Não. O nível de destruição é muito grande. Estima-se que o Produto Interno Bruto da Síria tenha caído para menos de 45% de seu valor de 2012 e a destruição de capital físico, por si só, é estimada em US\$ 100 bilhões. Esta é uma grande quantia de dinheiro. Enquanto não houver um acordo político patrocinado pela ONU, não haverá fundos de reconstrução vindos dos Estados Unidos e do Golfo. A Europa, que não está disposta a financiar a reconstrução, não fará isso enquanto os Estados Unidos estiverem hesitantes. A Europa não vai liderar por conta própria.

O Irã e a Rússia não poderão fornecer os fundos. Não está claro o quanto a China está disposta a investir neste momento.

A reconstrução fragmentada é a ordem do dia. A maior parte disso está acontecendo por meio de apropriações de terras e

contratos do governo com seus aliados. Ou então por grupos externos que tomaram posse do território – seja pelos Estados Unidos no nordeste ou pela Turquia no noroeste.

A forma de reconstrução que está em andamento está dividindo o país. Os sírios refugiados serão banidos para sempre de sua terra natal. A terra, outrora parte da Síria, está agora sendo tomada por grupos externos. A Síria está sendo permanentemente destruída.

É por isso que é urgente que o conflito militar termine. É por isso que um acordo político é necessário. Caso contrário, a Síria não terá futuro.



Tricontinental: Institute
for Social Research *is an
international, movement-driven
institution focused on stimulating
intellectual debate that serves
people's aspirations.*

Tricontinental. Instituto de
Investigación Social *es una
institución promovida por los
movimientos, dedicada a estimular
el debate intelectual al servicio de
las aspiraciones populares.*

the **trico**ntinental.org